

JUVENTUDE NA EJA: ESTUDO GERACIONAL NO MUNICÍPIO DE MESQUITA

Juliana de Moraes Prata

Orientadora: Mônica Dias Peregrino Ferreira

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense- FEBF/UERJ.

Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação.

Eixo: Pesquisa, Educação, Diversidades e Culturas

Categoria: Comunicação Oral

RESUMO:

As desigualdades educacionais contribuem para a reprodução das classes no Brasil. A juventude está no cerne dessa questão como um dos grupos mais atingidos por essa distribuição desigual. Partindo do princípio de que existem diferentes formas de se experimentar a juventude na contemporaneidade e que as classes sociais seriam um importante fator para se pensar as diferentes formas de transição para a vida adulta, este artigo objetiva discutir a questão da juventude e dos jovens no contexto da desigualdade. Para tanto, foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa com jovens alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no município de Mesquita (RJ), acerca de suas características e modos de vida. Os resultados obtidos indicam que há diferenças substanciais entre os *coortes* geracionais que compõem a juventude com relação a suas trajetórias escolares (jovem-adolescente de 15 a 17 anos, jovem-jovem de 18 a 24 anos e jovem-adulto, de 25 a 29 anos) no processo de transição para o mundo adulto, sendo o trabalho e a constituição de família os marcos fundantes na determinação das características dos grupos de gerações. Dessa forma, pensar a juventude nesse contexto pode contribuir para entender melhor quem é o novo público que ocupa massivamente os bancos escolares da EJA nos últimos anos e, ainda, tentar interpretar o impacto das políticas de correção de fluxo no plano concreto: na vida desses jovens.

Palavras-chave: Juventude; Desigualdade; EJA.

JUVENTUDE NA EJA: ESTUDO GERACIONAL NO MUNICÍPIO DE MESQUITA

INTRODUÇÃO

Compreender a juventude atual é desvendar o mundo de hoje.

Novaes, 2007.

A juventude é um tema que abrange questões complexas e inquietantes na sociedade contemporânea. Charlot (2007), Margulis & Urresti (1996), Feixa (1999), Bourdieu (1983) e Pais (2001) são determinantes quando afirmam que a juventude não está

inteiramente relacionada com a questão etária, mas se constitui essencialmente de uma construção social determinada ainda pela posição de classes e pelas condições históricas. O tempo que dura a juventude e os significados sociais são exclusivamente culturais e históricos (ANDRADE, 2009). Dessa maneira, sujeita a modificar-se ao longo do tempo (CARRANO, 2000).

Bernard Charlot (2007) traz sua importante contribuição afirmando que é possível falar em juventude- no singular - e juventudes - no plural -. Isto é, existe uma categoria ou como melhor denominada por autores, condição, da juventude que é singular entre as culturas: os modos de transição para a vida adulta. Entretanto, esses modos se dão de formas distintas relacionando-se com outros fatores como gênero, classe, tempo e território; por isso denomina-se *juventudes* no plural, na tentativa de contemplar essa condição múltipla e polissêmica que afeta todos os seres humanos em diferentes medidas.

Para aprofundar o tema juventude foi realizada uma pesquisa de caráter quali-quantitativo na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Mesquita, Rio de Janeiro (RJ). A pesquisa foi realizada em 10 escolas, a partir dos dados brutos foram categorizados coortes¹ geracionais para discutir as trajetórias escolares juvenis.

1- Juventudes e moratória social

Uma das formas de se entender a juventude é compreender o viés da desigualdade a partir do conceito de moratória social. Segundo Margulis e Urresti, autores que tratam da sociologia da juventude, é o período de tolerância que a sociedade oferta aos jovens na experimentação das formas de ser adulto sem seus compromissos efetivos. Essa moratória é um espaço aberto em determinados setores sociais, para sujeitos específicos e limitado a determinados períodos históricos. (MARGULIS & URRESTI, 1996).

Este conceito estabelece que as características de determinadas classes sociais pertencentes a diferentes sociedades tendem a dar a este setor, a esta etapa da vida, certos tipos de privilégios que os permitem um alargamento do período da juventude.

Não obstante, estes privilégios se diferenciam de acordo com a classe social. A juventude, como toda categoria socialmente constituída, que alude a fenômenos existentes,

¹ Coorte: Classe ou o grupo de indivíduos que apresentam o mesmo fenômeno em dado período de tempo; logo, uma coorte de nascimento é sinônimo de geração, uma coorte de casamento é o conjunto de pessoas que se casaram em determinado período etc. (Dicionário Demográfico Multilíngue. Rio de Janeiro, IBGE: 1969).

possui uma dimensão simbólica, de acordo com Margulis e Urresti (1996, p. 17) “pero también tienen que ser analizados por otras dimensiones: también deben cumplir con los aspectos materiales, históricas y políticas, así como toda producción social que desarrolla”.

As diferentes características que a sociedade atribui aos jovens, vinculadas com as realidades sociais distintas, demarcam o tipo de jovem que se tem em cada sociedade. Assim, por exemplo, em sociedades com problemáticas como a falta de emprego e/ou a má qualidade da educação, os jovens ingressam cada vez mais cedo no mundo laboral e, por conseguinte, segundo o argumento de Margulis e Urresti (1996, p. 17), estes tendem a “perder” sua *qualidade de jovem*. Todavia, por outro lado, há os que tendem a conservar e alargar sua condição de juventude. Os jovens dos setores médios e altos teriam dessa forma, uma condição de vida bastante diferenciada no tocante à juventude.

O benefício da moratória social é então experimentado de modo pleno por uma parcela restrita da juventude. Principalmente para jovens urbanos, de classe média e de classe alta. Dessa forma, ser jovem camponês não seria ser jovem plenamente no mesmo sentido, por exemplo, por estarem distantes dos símbolos do nicho de consumo de roupas, acessórios e modos de ser. Assim como ser jovem pobre, a distância do tipo ideal juvenil faz com que se passe ao largo de um jovem pleno, legítimo, logo se tornaria um jovem “bastardo” quanto ao uso da condição de jovem.

2- Juventude e Desigualdade

Pensar em jovens/juventudes é pensar em tipos específicos e distintos, e esses tipos são também determinados por fatores econômicos e sociais. É então possível afirmar que os modos de transição para a vida adulta se consolidam de formas bastante diferenciadas e que o fator classe é preponderante quando o assunto é juventude. O tipo ideal de jovem “*legítimo, pleno e verdadeiro*” está relacionado com fatores ligados ao mundo urbano, classe média, categoria estudantil, que usa determinados símbolos e códigos também delimitados pela mídia. Logo, quanto mais longe desse tipo ideal, “menos” jovem o jovem seria.

O jovem pobre trabalhador estaria nesse sentido numa categoria diferenciada de moratória social, que regularia um conjunto de fatores que articulam o acesso, condição, posição aos equipamentos e benefícios sociais. A condição de pobreza e a posição que possibilita o acesso a determinados aparatos são tratados por autores de diferentes maneiras, a começar pela questão da própria pobreza em si.

2.1 Inclusão precária e desenraizamento: capitalismo e desigualdade

Martins (1997) analisa o conceito de exclusão e seus equívocos conceituais na realidade de nosso país. Para o autor, o conceito de exclusão deve ser analisado com cautela, especialmente por que, não sem certa ousadia na afirmação, não existe exclusão, existem condições precárias e instáveis de inclusão. Em suas palavras, “por isso, rigorosamente falando, não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes”. (p. 14-19) E ainda, “[...] integrando-as (vítimas da exclusão) de outro modo e não as excluindo parcial, incompleta e insatisfatoriamente nos mecanismos de reprodução e consolidação da sociedade atual” (*Idem*).

O autor chama a atenção porque atualmente discute-se muito a exclusão e por isso deixa-se de discutir as formas pobres, insuficientes e até indecentes de inclusão. Logo, nota-se que o sistema capitalista não empurra os indivíduos para fora, ao contrário, força-os para dentro, incluindo, só que em condições precárias. Isso porque se o sujeito se encontrasse fora do sistema não se constituiria como consumidor dos bens. E ele de fato o é. Todavia, de forma escassa, instável e precária, estabelecendo-se então como um incluído precariamente e não como um excluído social. Nessa lógica, falar de marginalidade/marginalização admitiria o mesmo sentido, totalmente fora dessa perspectiva, já que todos estão dentro, uns de forma plena, outros de forma precária. Num país desigual como é o Brasil, a maioria consolida-se como incluído precariamente ou indecentemente e uma pequena minoria como incluídos no sentido comum do uso da palavra, incluídos-pletos, que gozam dos direitos e equipamentos sociais.

Martins afirma que “a exclusão não é nessa perspectiva a marca do capitalismo hoje em dia” (PEREGRINO, 2010, p. 71) como é muito comum ser visto nos discursos em geral e numa primeira visão sobre o tema. A marca profunda que caracterizaria então o capitalismo é o desenraizamento e a reinserção precária. E ainda, a exclusão seria um momento constitutivo, mais uma etapa das formas de inclusão precárias e indecentes no capitalismo e não o cerne da questão em si.

No tocante a educação, Peregrino (2008, p. 144), ainda trata a questão de forma igualmente específica, mas com outras características.

Processos de escolarização dessa forma realizados implicam trajetórias diferentes e desiguais no interior de uma mesma instituição, e possibilidades desiguais de apropriação dos conhecimentos que a escola devia, por princípio, disseminar, de acordo com o modo de escolarização ao qual é submetido. Se nas turmas de trajetória plena o fluxo contínuo pelas séries permite a acumulação paulatina de conjuntos de conhecimentos, nos modos de escolarização precária, as repetências e abandonos, entrecortados pelo ingresso em projetos diferentes e, às vezes, incomunicáveis de aceleração da aprendizagem criam uma situação em que

o acúmulo de conhecimentos torna-se impossível, mesmo numa situação de multiplicação do tempo de habitação na escola.

As turmas e o turno mais atingidos pelos indicadores que, reunidos, produzem os modos mais precários de escolarização são também as turmas que se esvaziam.

Nesse contexto de discussão de insucesso e precariedade para a juventude no tempo presente, foi realizada a análise de uma pesquisa na tentativa de aprofundar o estudo sobre a fração da população imersa na realidade da distribuição desigual: o jovem pobre aluno de EJA em Mesquita.

2.2. Da EJA e das políticas de correção de fluxo

A EJA é uma modalidade de ensino que geralmente carrega consigo as marcas da desigualdade brasileira. Grande parte de seu público já foi reprovado ao menos 1 vez ao longo de sua trajetória escolar. Na segunda metade da década de 90, começaram as primeiras políticas de correção de fluxo que tiveram como objetivo “acertar” a relação idade/série no Ensino Fundamental (ALGEBAILLE, 2004). Contudo o sucesso dessa iniciativa pode ser questionado quando é possível observar nas turmas de EJA o número expressivo de alunos que passaram por algum tipo de política de correção de fluxo escolar. A pesquisa, ao estabelecer os coortes geracionais, revelará essa faceta de fracasso nesse “acerto de contas”.

3- **Material e método**

A pesquisa foi realizada no município de Mesquita. A cidade encontra-se no centro da região metropolitana do RJ, não é o centro das atenções quando o assunto é pobreza, nem violência urbana, nem tampouco questões de infraestrutura urbana. Contudo, é mais uma cidade que amarga o pior da periferia: a insuficiência latente, a negação de direitos e a escassez de equipamentos básicos. Mesquita não é a pior cidade da Baixada, nem do Brasil, mas é, infelizmente, mais um município que apresenta características típicas da desigualdade social brasileira e, isso, com extensão notória à educação.

Os resultados da pesquisa foram obtidos a partir da análise do recorte de uma pesquisa de abrangência municipal que discutia o perfil da EJA do município. A pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Educação de Mesquita (SEMED) nas 10 escolas que oferecem EJA, com cerca de 2.300 alunos no ano de 2012, por meio do questionário como instrumento. Com 1.025 questionários respondidos, a partir dos dados brutos fornecidos pela SEMED, realizei então o delineamento do objeto e tratamento das informações: a

definição do tema juventude na faixa etária dos 15 aos 29 anos, com delimitação dos coortes geracionais e análise das características de cada grupo. Posteriormente, buscou-se comparar e distanciar os referidos coortes geracionais para fins de análise mais apurada.

Das 38 perguntas do questionário, foram escolhidas 18 que tratam de critérios julgados como pertinentes a este estudo. Foram classificadas três categorias para análise das respostas: (a) *Identidade de grupo geracional*, que abrange questões de faixa etária, sexo e cor/raça; (b) *Características sociais*, que toca nas questões de estado civil, cidade onde nasceu, estado onde nasceu, estado onde a mãe nasceu, quantas pessoas moram com você, se tem filhos, se tem, qual a faixa etária dos mesmos, quem fica com os filhos para que você possa estudar, se realiza trabalho remunerado e, por fim, se trabalha com carteira assinada; e, (c) *Trajetórias escolares*, que abordam as questões a seguir: se já estudou antes, como você chegou a essa escola de EJA, se já parou de estudar, se sim, qual foi o motivo do afastamento, e, finalmente, qual foi o motivo de retorno à instituição.

4- Resultados e discussão

Os resultados indicaram algumas características da população de 15 a 29 anos, estudantes da EJA de Mesquita. As categorias: jovem-adolescente, de 15 a 17 anos; jovem-jovem, de 18 a 24 anos e jovem-adulto, de 25 a 29 anos, indicaram tendências predominantes nesses coortes geracionais e a comparação entre os grupos também apontou para realidades bastante distintas. Apresentaram ainda uma relação interessante entre as características de cada grupo e as mudanças do sistema educacional dos últimos vinte anos.

As três categorias trabalhadas na pesquisa possuem características bem marcadas, o que possibilita a diferenciação entre si, embora o grupo amplo, *juventude*, de 15 aos 29 anos, possua questões comuns.

O coorte de 15 a 17 anos, o jovem-adolescente, é um grupo bem relevante porque constitui 49,2% do público da EJA em Mesquita. Logo, conhecê-lo é também refletir sobre a realidade da modalidade no município. Este grupo tem predominância de pessoas que nunca tiveram experiência de trabalho remunerado (87%), o que indica um tipo de moratória ofertada a eles por não precisarem trabalhar a para própria subsistência; já tiveram acesso à escola; nunca foram evadidos da instituição escolar; nasceram no estado do Rio de Janeiro, bem como suas mães, o que aponta para o fato de não se constituírem como migrantes, mostrando a potencialidade de enraizamento com o local; são de maioria masculina; solteiros; não tem filhos (somente 16% afirmam constituir prole); e são predominantemente pardos, seguidos de negros. Este grupo, entre os outros, é o grupo que, embora pobre, se

aproxima mais dos “jovens legítimos” na conceituação da juventude. Esse grupo teve, entre os demais, um maior acesso às políticas de correção de fluxo. Cerca de 8% do total dos atendidos no grupo dos jovens-adolescentes, estudou em classes de aceleração, 20% participou de atividades de reforço no turno e no contraturno (com predominância no reforço ocorrido do próprio turno de estudos) e 30% estudou em explicadores e professores particulares, subsidiados pela família. Contudo, o acesso às políticas (58%) não garantiu a aprendizagem, uma vez que relataram continuar com fluxo truncado por repetências, até chegarem à EJA.

O jovem-jovem, grupo etário de 18 a 24 anos, é 20,2% da EJA de Mesquita e é o intermediário entre os coortes geracionais. O estudo demonstrou que a transição da juventude para o mundo adulto é marcada principalmente pela constituição de família e ingresso no mundo do trabalho. O grupo jovem-jovem, segundo os dados, já está inserido nessa transição. Pouco mais da metade (65%), indica experiência de trabalho remunerado, e 42% afirmam ter um ou mais filhos. Somente por essas informações já se constata ser um coorte em período de mudança, de passagem para se tornarem adultos, com mais responsabilidades e acesso cada vez menor às moratórias sociais/familiares. Os números ainda apontam que há um maior equilíbrio entre os sexos na EJA para este grupo (119 homens e 84 mulheres); que são predominantemente pardos e pretos; 52% mesquitenses; 87% nasceram no estado do RJ e 55% tem mãe nascida no estado do RJ, onde aponta que quanto mais idade, mais potencialmente se pode estar no grupo dos migrantes de 1ª e 2ª geração. No tocante às políticas de correção de fluxo, este grupo completou 7 anos de idade entre os anos de 1995 e 2001. Logo, tiveram acesso às primeiras políticas de correção de fluxo após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9293/96). Contudo, um acesso limitado. Do universo de 52 alunos entrevistados pertencentes a este grupo, somente 15% participou de alguma política e, destes, a predominância foi de atividades de reforço no turno ou no contraturno estudado, oferecidos na escola pública e seguidos de aulas particulares com explicadores e professores pagos pelas famílias.

O grupo mais velho, o jovem-adulto, de 25 a 29 anos, é o grupo que indica estar em total transição, umas já concluídas e outras em processo final de entrada na vida adulta. 79% afirmam ter filhos, e 88% têm experiência de trabalho remunerado. Esse grupo constitui-se como apenas 3,8% da EJA de Mesquita. Os números demonstram equilíbrio entre os sexos (19 mulheres e 20 homens), a maioria da população é parda, 40% mesquitenses; 62% nascidos no estado do RJ e 32% com mães nascidas no estado do RJ, apresentando, assim, movimentos de migração de 1ª e 2ª geração, bem relevantes. A região Nordeste é ainda a região de onde saem mais pessoas para o RJ (para a cidade do Rio de Janeiro, como objetivo inicial) e para Mesquita (quando não conseguem moradia próxima aos centros urbanos). Contudo, há um visível crescimento, ao longo dos anos, dos fluxos

migratórios do Norte e do Centro-Oeste e, um discreto movimento vindo do Sul do Brasil. Este grupo mais velho não recebeu nenhuma política pública de correção de fluxo. No entanto, 8% indicaram ter participado de iniciativas particulares de reforço escolar, com professores e explicadores particulares.

Como pontos de contato entre os grupos de coortes geracionais destacam-se: a condição social menos abastada, o contexto de desigualdade a que os grupos estão submetidos, o fato de serem moradores de Mesquita, alunos da EJA, de maioria solteira, oriundos de lares pouco numerosos e frutos do fracasso escolar no Ensino Fundamental Regular (EFR).

Um fator intrigante foi o conceito de aluno-flutuante. Quando entrevistados os alunos que estavam há mais de um semestre longe dos bancos escolares, eles afirmavam veementemente que não saíram da escola, mas estavam *dando um tempo* e retornariam. A pesquisa apontou que essa flutuação é vista pelos alunos como natural e que quanto mais jovens, em menos tempo retornam aos bancos escolares. Sendo que de um modo geral, grande parte sai e retorna ao menos uma vez na trajetória escolar na EJA. Como motivo para o movimento de flutuação está o trabalho como principal, ele tira e reintegra o aluno à escola. Outros motivos citados foram cansaço, desmotivação, problemas familiares, namoro/casamento e filhos pequenos. Entretanto todos os entrevistados que estavam afastados da escola manifestavam desejo de retorno para o ano letivo seguinte.

Essa flutuação é uma grande questão na EJA, ao passo que demonstra que o aluno retorna à escola, admite também uma saída mais facilitada, sem justificativas, já que o próprio aluno não se identifica como evadido. Logo a flutuação como característica da EJA atual fomenta questões intrigantes sobre a importância da escola e como a escola por estabelecer estratégias para a permanência do estudante.

Retornando aos coortes e comparando os grupos extremos, jovens-adolescentes e jovens-adultos, fica mais clara a contraposição e sua posição na condição da juventude, em sentido amplo. Os jovens-adolescentes são beneficiados com moratórias por suas famílias. Eles estão mais próximos dos “jovens legítimos”: estudantes, sem trabalho e sem concepção de família. Estes, ainda, tiveram acesso às políticas de correção de fluxo; diferentemente da realidade dos jovens-adultos. Este último, o grupo de trabalhadores que estudam (jovens-adultos) afirma ter filhos e é um grupo potencialmente migrante de 1ª ou 2ª geração, o que admite, ainda, um processo mais ou menos longo de enraizamento e conhecimento da localidade, de suas formas e aparelhos sociais. Estes são inclusive mais próximos dos “jovens bastardos”, pela família e pelo trabalho e, ainda, pelas trajetórias mais curtas de escolarização. Os dados revelam que, quanto mais velhos, mais chances de abandono tanto no EFR, quanto na EJA. Esse coorte também não teve acesso às políticas públicas de correção de fluxo. Logo, se separássemos as categorias e as organizássemos

hierarquicamente por proximidade do “tipo ideal de jovem”, os jovens-adolescentes estariam mais perto, seguidos pelos jovens-jovens e, por último, os jovens-adultos, sendo estes, os mais “bastardos” da juventude, ainda que todos estivessem situados em contextos de desigualdade.

5- Conclusão

Verificou-se a partir do referencial adotado e da pesquisa empírica, que a juventude está no centro das questões situadas na complexidade da desigualdade social e educacional. No entanto, a juventude não é um grupo homogêneo e uniforme. Do contrário, um grupo diverso que admite inúmeras frações menores e, contidas no grupo amplo, denominado jovem. A classe é um fator preponderante na análise da juventude, em que os pobres têm menos acessos e oportunidades. A juventude pobre, então, por si só, estaria mais afastada do tipo ideal de jovem. Essa juventude de classes populares, quando categorizada em três grupos: jovem-adolescente, jovem-jovem e jovem-adulto, indica nuances e características que as diferenciam e as aproximam.

Ao constatar a diferença entre as categorias dos coortes geracionais pude construir indagações sobre a proposta da EJA para os jovens, seu currículo, seus marcos legisladores, suas políticas, seus professores, gestores e alunos. A EJA, em seu modelo atual, dedicada em seus fóruns, congressos, simpósios, a pensar sobre a juventude e sobre as frações juvenis que a compõem, como já acontece em alguns movimentos, pode se aproximar dos objetivos e anseios desse público, que se configura como maioria esmagadora, na modalidade.

Quanto às políticas públicas de correção de fluxo, nesse contexto, ainda que não as tenham realizado nos jovens de 15 a 29 anos da EJA de Mesquita, a inserção adequada, no sistema educacional, tiveram o efeito de, nos sujeitos mais impactados pelas mesmas - os *jovens-adolescentes* -, aumentar o tempo de escolarização (ainda que truncada) e, de aproximá-los do tipo ideal de jovem. Logo, os jovens-adolescentes estão mais próximos das características da condição de jovens plenos, legítimos. Mesmo que os efeitos não tenham sido os esperados, são efeitos válidos, verificados pela pesquisa.

Considerando ainda que as trajetórias escolares dos jovens estudados são truncadas, marcadas por repetências, abandonos, retornos e flutuação, é um paradoxo pensar que esse tipo de caminho (correção de fluxo) na escola poderia indicar moratória social para os sujeitos/grupos e, ainda, conquistar o efeito de mostrar que esse jovem, no caso, o jovem-adolescente, está mais perto da legitimidade da juventude, em suas

características esperadas: urbanos, apenas estudantes, sem constituição de família, morando com os pais e, sobretudo, beneficiados pelas moratórias sociais, já que continuam estudando, apesar da vida em contextos de desigualdade. O prolongamento da escolarização deu-se, portanto por caminhos inesperados, mas legítimos.

Vale tratar ainda pelo tratamento das informações da pesquisa que o prolongamento da escolarização ainda que com esse caminho enviesado aqui descrito, possui vantagens para os jovens sob diferentes pontos de vista. O fato dos mesmos estarem na escola, mesmo numa realidade de insucesso, traz relevantes possibilidades. Saliento como as principais, além da moratória social/familiar, perspectiva de continuidade nos estudos, acesso a bens culturais e esportivos e acompanhamento escolar.

Logo, pensar em ações, políticas e suporte pedagógico para esse novo grupo de presença massiva na EJA se faz urgente e relevante no contexto da desigualdade e na busca por uma educação de qualidade em Mesquita, mas, sobretudo no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALGEBAILLE, Eveline. *Escola Pública e Pobreza: a expansão escolar e a formação da escola dos pobres no Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, UFF, Niterói.
- ANDRADE, Maria Odete dos Reis Carvalho. *A Transição Escola-Trabalho em Cabo Verde: os sentidos da formação profissional para os jovens*. 2009. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, USP, São Paulo.
- BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro. Marco Zero, 1983.
- CARRANO, Paulo Cesar. *Juventudes: as identidades são múltiplas*. Niterói: Movimento 1, 2000.
- CHARLOT, Bernard. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, L. Pinheiro; ZAGO, N. (Orgs). *Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2007, p. 203-221.
- FEIXA, Carles. *De Jóvenes, Bandas y Tribus: Antropología de La juventud*. Barcelona: Ariel, 1999.
- MARGULIS, Mario & URRESTI, Marcelo: *Juventude más que una palabra: ensaios sobre cultura e juventude*. Buenos Aires : Biblos, 1996.
- MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- PAIS, José Machado. *Ganchos, Tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar, 2001.
- PEREGRINO, Mônica. Desigualdade, juventude e escola: uma análise de trajetórias institucionais. In: ZACCUR, Edwiges. e FAVERO, Osmar (orgs) . *Pesquisas em Educação : diferentes enfoques*. Niterói: EdUFF, 2008, p. 113-151.
- _____. *Juventude e trabalho em tempos de expansão da escola*. Relatório de finalização de pós-doutorado. São Paulo: USP, 2010.